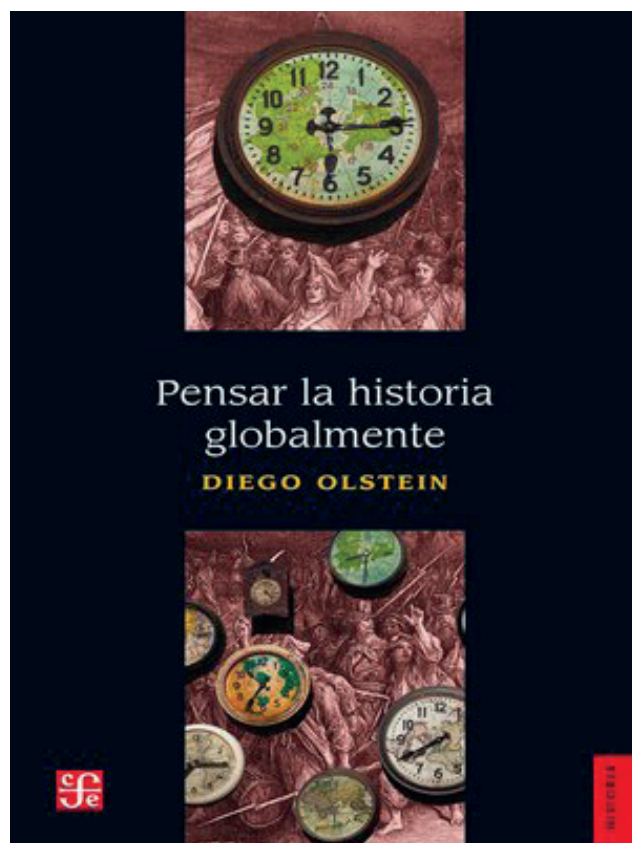


**Olstein, D. (2019). *Pensar la Historia globalmente*.
Fondo de Cultura Económica. México: 359 pp.**

MILENE ALVES¹



Habitamos um mundo cada vez mais interconectado. A consciência desta realidade determina o modo como nos posicionamos nesse mundo e como o percebemos. Entre as várias áreas do saber influenciadas por essa tomada de consciência inclui-se a História, já que se o passado determina o presente, não é menos verdade que o presente condiciona a análise do passado. Assim mesmo o reconhece Diego Olstein, no prólogo à edição castelhana do seu livro originalmente intitulado *Thinking History Globally*, em que afirma que «¡el pasado está vivo! No los acontecimientos y los actores que han quedado atrás. Pero sí el pasado que los historiadores reconstruimos, articulamos

==

¹ Centro de Estudos Globais, Universidade Aberta, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-3995-7478>.

y narramos desde nuestras vivencias y perspectivas presentes, que son globales» (p. 14). Publicada primeiramente em inglês, em 2015, a obra em apreço foi depois editada pelo Fondo de Cultura Económica (México), em 2019, em castelhano, língua nativa do autor, com o título *Pensar la Historia globalmente*, sendo prefaciada por Yuval Noah Harari, historiador, conhecido sobretudo pela sua obra de síntese *Sapiens: Uma breve História da humanidade*, e Patrick Manning, professor de História Mundial na Universidade de Pittsburgh (Estados Unidos da América). Nascido na Argentina, Diego Olstein realizou os seus estudos universitários, na área da História, em Israel, lecionando atualmente no departamento de História da Universidade de Pittsburgh, cujo World History Center foi por si dirigido.

O objetivo central da obra *Pensar la Historia globalmente* é definido claramente no seu título. É a superação das fronteiras nacionais, artificiais e, até há pouco, limitativas da análise histórica, que está em causa. Se o surgimento da História como profissão e disciplina académica esteve intrinsecamente associado à consolidação dos estados-nação, privilegiando-se a história nacional, o constrangimento imposto pelas fronteiras daqueles à historiografia perde pertinência num mundo globalizado (p. 33). Como o próprio autor afirma, «pensar globalmente es consecuencia de nuestra experiencia global contemporánea» (p. 30). Uma vez que o Estado-nação já não representa um limite para a análise histórica,

deve recorrer-se a novos métodos e conceber-se novas questões. Partindo desta necessidade de reformular a escrita da História, Diego Olstein apresenta 4 estratégias para pensar a História globalmente, pelas quais distribui 12 ramos da História que perspetivam o passado superando fronteiras: comparar e conectar (História Comparada e Histórias Relacionais), conexões (Nova História Internacional, História Transnacional e Histórias Oceânicas), conceptualização (análise civilizacional, sociologia histórica e teoria do sistema-mundo) e contextualização (História Global, História da Globalização, História Mundial e Grande História). Através da apresentação destes 12 ramos – enumerando as suas características e fazendo uma contextualização histórica da sua evolução, com referência a revistas e a associações que contribuíram para o desenvolvimento e a divulgação de cada um dos ramos e a historiadores que foram importantes para o seu progresso –, das suas singularidades e dos seus traços comuns – sempre associados ao modo específico como transcendem fronteiras –, o autor define, aplica e exemplifica as 4 estratégias para pensar a História globalmente. Também a bibliografia obedece a esta divisão em 4 estratégias e 12 ramos (pp. 307-347).

Embora inserido numa tendência em que, nos últimos anos, fruto da globalização, se tem dispensado uma atenção crescente às perspetivas históricas que, não desconsiderando as fronteiras dos estados-nação, visam adotar uma nova abordagem do estudo do

passado, menos condicionada por essas extremas, Diego Olstein não se foca numa única abordagem histórica, contrariamente ao que é mais comum. Estabelece antes um objetivo amplo e estreitamente associado à contemporaneidade, pensar a História globalmente, identificando e caracterizando as perspectivas cuja metodologia converge para uma análise que supera os constrangimentos impostos pelas fronteiras nacionais.

A apresentação dos 12 ramos inicia-se com a História Comparada, a primeira a ultrapassar os limites do Estado-nação (p. 80), e percorre todos os outros, terminando na Grande História, o ramo mais recente e mais abrangente (em termos geográficos e temporais) desse conjunto (p. 98). Esta delimitação de 4 estratégias e 12 ramos é, como alerta o autor, uma simplificação do labor historiográfico, visando facilitar a compreensão das particularidades e das interações dos vários ramos e estratégias. A divisão proposta não é estanque nem definitiva. Diego Olstein apresenta as 12 perspectivas do passado como complementares, recorrendo todas elas, em diferentes graus, a mais do que uma das 4 estratégias para pensar a História globalmente (pp. 111 e 263). Esta ressalva acautela contra possíveis discordâncias quanto à proposta apresentada. Tome-se como exemplo a História Global, tão marcada pela ideia de integração, de conexão, a qual é associada pelo autor à estratégia de contextualização e não à das conexões.

A abordagem teórica desenvolvida ao longo da obra é complementada com o recurso constante a exemplos em que a perspectiva definida para cada um dos 12 ramos da História é aplicada a casos concretos, tratando-se de uma mais-valia para a compreensão das diferentes abordagens históricas. De grande importância para a apreensão das características dos diversos ramos da História que abordam o passado transcendendo fronteiras é, sobretudo, a aplicação das diversas tipologias de análise ao mesmo caso, sendo possível estabelecer, de uma forma mais clara, o que diferencia os diversos ramos. O autor fá-lo recorrendo a dois casos. Logo no primeiro capítulo da obra, ainda antes de analisar em pormenor cada um dos ramos, apresenta o exemplo da Argentina sob a presidência de Juan Domingo Perón, entre 1946-1955, apreciando-o segundo as metodologias de cada uma das 12 perspectivas históricas (pp. 41-77). No último capítulo, Diego Olstein repete esse exercício de análise, mas valendo-se do exemplo da Primeira Guerra Mundial (pp. 264-303). Estes acontecimentos não foram escolhidos pelo autor ao acaso. O seu propósito foi o de exemplificar o tipo de análise desenvolvida em cada um dos 12 ramos apresentados na obra, recorrendo a dois casos com características diferenciadas: um, a Argentina sob o poder de Péron, tradicionalmente abordado numa perspectiva de história nacional, limitado pelas fronteiras do país; e o outro, a Primeira Guerra Mundial, global por natureza. Embora estes

dois exemplos mais desenvolvidos sejam uma considerável mais-valia para o leitor, o facto de o primeiro, relativo à Argentina de Perón, ser apresentado logo no início da obra, antes de o autor aprofundar a caracterização dos diversos ramos e estratégias – embora, previamente à abordagem da História da Argentina de Perón segundo as várias perspetivas, apresente uma

brevíssima caracterização de cada uma –, condiciona a pertinência da análise apresentada.

Em termos gerais, *Pensar la Historia globalmente* é uma obra de síntese, uma ótima introdução às perspetivas que abordam a História sem limitações de fronteiras, contribuindo para uma melhor compreensão do passado mas também do presente.